

**Os últimos caçadores-recolectores
e as primeiras comunidades produtoras
do sul da Península Ibérica
e do norte de Marrocos**

Juan Francisco Gibaja
António Faustino Carvalho
(editores)



Universidade do Algarve
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Promontoria Monográfica; 15

Editor:

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade do Algarve
Campus de Gambelas
8000-117 Faro

Coordenação Editorial:

Nuno Ferreira Bicho
António Faustino Carvalho

Execução Gráfica:

Gráfica Comercial
Zona Industrial de Loulé, Lote 18
Apartado 247
8100-911 Loulé

Tiragem:

250 exemplares

Imagem da Capa:

Luis Pascual Repiso

ISBN:

978-989-95616-7-0

Depósito Legal:

319092/10

Novembro de 2010.

Publicação editada e financiada pelo projecto de investigação *Os últimos caçadores-recolectores e as primeiras comunidades produtoras do sul da Península Ibérica e do norte de Marrocos: uma abordagem socioeconómica através da gestão dos instrumentos de produção* (PTDC/HAH/64548/2006), dirigido pelos editores do volume.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

Portugal

O Neolítico Antigo da Baixa Estremadura: as investigações dos últimos cinco anos

João Luís Cardoso *

* Universidade Aberta e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Portugal).

ABSTRACT

The first results obtained in the last five years in research about the Early Neolithic in Lower Estremadura (including the peninsulas of Lisboa and Setúbal) are presented. There was an advance in the understanding resulting from preventive excavations. The settlements are distributed, as far as their characterization permits, between specialized sites and pluri-annual residential sites, while the necropolis corresponds to the use of natural caves. The dates now obtained and published for the first time indicate the Neolithic presence more ancient known for residential sites, dating from the Early Neolithic, ca. 5400-4900 BC, in which the ceramics impressed by "Cardium" are residual, while the sole necropolis dated reports to a time corresponding to the second half of the VI millennium BC though the registry is absent of the above mentioned ceramic productions, in contrast with the abundance of the decorated ceramics by incisive motifs, impressed and plastic. The transition to the Middle Neolithic is located though with the limitations resulting from the type of analysis and the materials used in the second half of the V millennium BC, apparently with the persistence of the decorated ceramics from early tradition.

1. INTRODUÇÃO

Em 2005, António Faustino Carvalho apresentou síntese dos conhecimentos da presença humana do Neolítico Antigo na Península de Lisboa (Carvalho, 2005). Aos resultados então expostos, vieram juntar-se rapidamente outros elementos, resultantes de investigações em curso, justificando a actualização daquele importante estudo. Deste modo, na presente publicação, que pretende, cinco anos volvidos, fazer o balanço dos conhecimentos entretanto adquiridos, não se irão reapreciar as estações que então foram seleccionadas para a referida síntese, salvo se outros elementos de interesse tiverem entretanto sido obtidos sobre algumas delas. O presente estudo abordará ainda os elementos actualmente conhecidos na península da Arrábida, área geográfica que não foi abordada naquele trabalho.

2. NOVAS ESTAÇÕES, NOVAS OBSERVAÇÕES

Tomando como referência o trabalho da A.F. Carvalho (Fig. 1), os novos sítios, ou aqueles para os quais existem novas observações, serão sucessivamente abordados, de Norte para Sul, segundo a sequência a seguir apresentada.

2.1. Cova da Baleia (Mafra)

Trata-se de um sítio doméstico, de carácter

especializado, onde se identificaram, no decurso dos trabalhos arqueológicos de minimização do impacte ambiental decorrente da construção da A21 (Sousa, 2008), 123 estruturas arqueológicas, das quais 78 fornos, formando diversos núcleos, de utilização temporária (Fig. 2).

A ausência de restos faunísticos é de reter, ao contrário do observado em fornos de época e características semelhantes, como os identificados no decurso das escavações realizadas sob a direcção de V. S. Gonçalves no sítio de Xarez 12 (Reguengos de Monsaraz), onde se recolheram faunas relacionadas com a respectiva laboração (Cardoso, em publicação), concluindo-se serem fornos culinários. Por outro lado a ausência de vasos destinados a cozedura, afasta a hipótese de os referidos fornos se destinarem àquela finalidade, ao contrário do verificado na estação da Ponta da Passadeira, de época mais recente (Soares, 2001).

Nestes termos, fica por esclarecer a finalidade destas abundantes estruturas de combustão, correspondendo a uma indústria com lamelas, trapézios e abundantes entalhes, compatíveis com a tipologia das escassas cerâmicas encontradas, ainda inéditas. Foi ainda identificada uma tumulação, igualmente por estudar.

2.2. Moita da Ladra (Vila Franca de Xira)

No topo de um morro dominando o estuário do Tejo, correspondente a uma chaminé basáltica, implantou-se importante povoado calcolítico muralhado, objecto de

escavação integral ao longo de sucessivas campanhas (Cardoso & Caninas, 2010), entre 2003 e 2006 (Fig. 3). Subjacente à ocupação calcolítica, identificou-se, em sector meridional da área escavada, os restos de ténue camada, que forneceu espólios característicos do Neolítico Antigo Evolucionado, incluindo materiais cerâmicos, de pedra lascada e de pedra polida. Entre os primeiros, avultam as cerâmicas decoradas com motivos em espiga, formando métopas verticais ou bandas horizontais, aplicadas a recipientes em forma de saco ou a taças altas, a par de motivos incisos, presentes em vasos com mamilos sobre o bordo ou possuindo asas com apêndices perfuradas horizontalmente. Reconheceram-se também vasos altos de parede reentrante, decorados por espinhados, motivos lineares ou ondulados, resultantes da aplicação de pente, e de esféricos com lábio denteado (Fig. 4).

Entre os materiais de pedra lascada, produzidos em sílex esbranquiçado ou róseo, de origem próxima, estão presentes lascas, lâminas e lamelas, por vezes com retoques marginais e geométricos (crescentes). Os artefactos de pedra polida encontram-se representados por dois exemplares de fibrolite, uma pequena enxó de coloração castanho-anegrada, com o gume intacto, e um machado de coloração esbranquiçada, correspondente a variedade mais frequente, também sem marcas de uso, facto que, somando-se às características desta rocha, cuja ocorrência, pelo menos em massas susceptíveis de serem aproveitadas para estes fabricos, não se encontra registada em território português, faz crer em produções de carácter ritual. Com efeito, sob uma estrutura metalúrgica calcolítica, recolheu-se uma pequena placa de xisto de formato sub-retangular, totalmente polida, cuja natureza ritual parece evidente. Tal não significa que os artefactos de pedra polida de cunho funcional não estejam representados, tratando-se exclusivamente de rochas de origem local. Merece referência uma enxó de secção plano-convexa, com marcas de uso no gume e um espesso machado de secção elipsoidal, de talão picotado, polido apenas perto do gume, o qual, no entanto, se apresenta intacto, de características tipicamente neolíticas, ambos confeccionados em rochas doleríticas, disponíveis localmente, nos filões existentes em relação com a própria instalação da chaminé basáltica (Fig. 5).

A ocorrência destes materiais do Neolítico Antigo Evolucionado no topo de uma elevação é um aspecto a reter, até porque a escassez de espólios de carácter funcional, a par da presença de elementos de carácter ritual sugere sítio de carácter não exclusivamente habitacional. Na região, a implantação de sítios em zonas altas e estratégicas, foi já anteriormente valorizada no povoado de Salemas, que, localizando-se em área de portela, controla a passagem entre os relevos mesosóicos, com cotas superiores a 200 m e as zonas baixas e aluvionares adjacentes (Cardoso, Carreira & Ferreira, 1996).

2.3. Gruta do Correio-Mor (Loures)

Nesta cavidade natural, descoberta acidentalmente pela lavra de pedreira, identificaram-se sucessivas presenças arqueológicas, do Mustierense à Idade do Ferro. A ocupação do Neolítico Antigo foi já anteriormente caracterizada (Cardoso, Carreira & Ferreira, 1996; Cardoso, 2003), integrando sobretudo cerâmicas decoradas (Fig. 6). Como se levantaram dúvidas quanto à cronologia da ocupação neolítica face à natureza dos testemunhos datados (Carvalho, 2005), importa esclarecer aquela questão. Com efeito, a importante estrutura de combustão primeiramente datada, com base em amostra de carvão, conduziu ao seguinte resultado:

ICEN-1099: 6350 ± 60 BP,

o qual, depois de calibrado, deu intersecção em 5247 cal BC e os seguintes intervalos, para 2 sigma: 5431-5393; 5388-5215; 5158-5146 cal BC (fazendo uso da curva de Stuiver & Pearson, Radiocarbon, 35 (1), 1993, p. 1-23).

Esta data poderia afigurar-se demasiado antiga face à natureza dos materiais arqueológicos, dos quais estavam completamente ausentes as cerâmicas cardiais. Acresce que, não obstante a existência de estratigrafia, aliás registada pelos escavadores, os materiais arqueológicos encontravam-se, aquando do respectivo estudo, desprovidos de quaisquer indicações de local de proveniência, nem se sabia qual a relação geométrica existente entre eles, a referida camada, e a localização daquela acumulação de carvões, desconhecendo-se, ainda, o seu significado e finalidade, no quadro da referida ocupação. Impunha-se, deste modo, a realização de uma segunda datação sobre ossos humanos, atribuíveis provavelmente à mesma época. O resultado obtido foi o seguinte:

Sac-1717: 6330 ± 60 BP.

Fazendo uso da mesma curva de calibração, obteve-se a intersecção em 5266 cal BC, e os seguintes intervalos, para 2 sigma: 5422-5401; 5381-5355; 5346-5208; 5157-5140; 5094-5090 cal BC.

Este resultado – que, embora tivesse sido publicado em 2003 era desconhecido de A.F. Carvalho aquando da redacção da sua síntese – vem esclarecer não só a natureza funerária da ocupação do Neolítico Antigo mas também reforçar a sua cronologia. Entretanto, foram realizadas outras datações sobre restos humanos, as quais indicaram datas mais tardias, indício de que a gruta continuou a ser utilizada como necrópole, aliás em consonância com os materiais neolíticos e calcolíticos nela recolhidos. É o caso das datas por AMS sobre dentes humanos – que se encontram, como outros, em estudo para extracção e sequenciação de ADN antigo pela equipa da Universidad Complutense de Madrid (E.

Fernández e E. Arroyo) – obtida no âmbito do projecto de investigação *The last hunter-gatherers and the first farming communities in the south of the Iberian Peninsula and north of Morocco*, codirigido por J.F. Gibaja e A.F. Carvalho, o qual é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (projecto PTDC/HAH/64548/2006):

Wk-25162: 4257 ± 30 BP,

Wk-25163: 4467 ± 30 BP.

Estas datas, depois de calibradas, correspondem aos intervalos, para dois sigma, respectivamente, 2920-2760 cal BC e de 3340-3020 cal BC, e são compatíveis, como se disse, com materiais do Neolítico Final e do Calcolítico dali provenientes (Cardoso, 2003).

2.4. Povoado do Carrascal (Oeiras)

Trata-se de local implantado a meia encosta direita do vale da ribeira de Barcarena, em estreita relação com esta linha de água e com o estuário do Tejo, a cerca de 3 km de distância (Fig. 7). Os materiais do Neolítico Antigo ocorrem em fina camada castanho avermelhada, directamente assente no substrato geológico, constituído por calcários duros recifais do Cenomaniano Superior, formando um lapiás incipiente, aproveitando-se o espaço entre blocos para a instalação das estruturas habitacionais e, eventualmente, funerárias. As primeiras estão representadas por lajeados de extensão reduzida e por um dormente de mó, encontrado ainda *in situ*, a par de um polidor para a confecção de artefactos de pedra polida, que jazia encostado ao afloramento. Esta camada encontrava-se sobreposta por outra, em aparente continuidade, contendo materiais do Neolítico Final. Assim, no decurso da escavação, foi por vezes muito difícil estabelecer uma separação nítida entre ambas as camadas, com a conseqüente dificuldade de reportar ao Neolítico Antigo os materiais incorporados na área de contacto entre ambas, dificuldade acrescida pela escassa potência da camada mais antiga, apenas ultrapassada com base nas diferenças tipológicas previamente identificadas entre espólios dos dois conjuntos arqueológicos. Contudo, se foi possível ultrapassar tal situação, já o mesmo não se verificou quanto aos materiais faunísticos. Tal realidade encontra-se reflectida nas datações absolutas entretanto obtidas pelo método tradicional, as quais revelavam cronologias díspares, cuja explicação poderia residir na mistura de materiais do Neolítico Antigo, com outros do Neolítico Final seleccionados para análise. Assim, a datação mais antiga do conjunto das obtidas, corresponderia ao Neolítico Antigo, podendo, no entanto, tratar-se de uma idade aparente, devido à contribuição de materiais mais modernos:

Sac-1949: 6030 ± 60 BP.

Este resultado, fazendo uso do programa CALIB 4.4 (Stuiver & Reimer, 1993, radiocarbon, 35, p. 213-230) e com base na curva de Stuiver et al. (Radiocarbon, 40, 1998, p. 1041-1083) – INTCAL 98, conduziu aos seguintes intervalos, para 2 sigma:

5194-5182; 5063-4775; 4748-4737 cal BC.

No entanto, como se disse, nada garantia que não houvesse algum elemento mais moderno introduzido na amostra, suficiente para rejuvenescer o resultado. Para ultrapassar esta limitação, impunha-se a realização de um conjunto de datações por AMS, susceptíveis não só de datar com precisão a cronologia da ocupação do Neolítico Antigo, mas, também, a correspondente ao Neolítico Final. Tais datações foram obtidas no âmbito das actividades desenvolvidas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Os resultados, comunicados em Março de 2010, foram os seguintes, no que respeita às duas datas relativas ao Neolítico Antigo:

§ Beta-276401: 6280 ± 40 BP, sobre M/1-2 esquerdo de *Bos taurus*, a qual corresponde à intersecção na curva de calibração, recorrendo ao programa INTCAL04 (Radiocarbon, 2004, 46-3) em 5310 cal BC e ao intervalo, para 2 sigma, de 5370-5220 cal BC.

§ Beta-276403: 6230 ± 40 BP, sobre a raiz de um M/2 esquerdo de *Bos primigenius*, recolhido na base da camada arqueológica. Esta data corresponde à intersecção na curva de calibração, recorrendo ao programa INTCAL04 (Radiocarbon, 2004, 46-3) em 5220 cal BC e ao intervalo, para 2 sigma, de 5180-5060 cal BC.

Pode, pois, concluir-se que a ocupação do Neolítico antigo decorreu nos últimos três séculos do VI milénio a.C.

Esclarecida a questão da cronologia desta presença do Neolítico Antigo, importava averiguar a natureza do correspondente registo arqueológico. Assim, embora estejam apenas publicados os materiais da campanha de escavações de 2003 (Cardoso, Silva & Soares, 2008) – faltando a análise dos espólios recolhidos em 2004 e em 2005 – regista-se, entre a utensilagem lítica, a presença de núcleos, lâminas e lamelas, furadores, raspadores, truncaturas, peças de bordo abatido, entalhes e denticulados, peças com retoques marginais e parciais e geométricos, representados por segmentos, executados em sílex de origem local (Fig. 8). Aliás, o talhe do sílex, que ocorre em abundância sob a forma de nódulos branco-acinzentados, no seio dos calcários cretácicos, foi seguramente uma das principais actividades ali desenvolvidas, existindo provas do

recurso ao pré-aquecimento das massas líticas. As cerâmicas, onde se assinala a presença de um variado conjunto de técnicas e padrões decorativos, revelam, tanto pela abundância, como pela ocorrência de grandes vasos de armazenamento, um estacionamento do tipo residencial, de carácter peri-anual, aliás sublinhado pela presença de gado bovino, como comprova o dente de *Bos taurus* sobre o qual se efectuou uma das datações, a par dos ovino-caprinos e de suínos (desconhecendo-se se domésticos ou selvagens). A alimentação era certamente complementada pela produção de farináceos (desconhecendo-se se obtidos de grão de cereais ou da farinação de bolotas), e ainda pela recolecção, tanto no litoral do estuário do Tejo – então de maior amplitude, como comprova a grande abundância de conchas de *Patella* sp. – como no pequeno estuário então formado na confluência da ribeira de Barcarena, onde, na maré baixa, e em fundos vasosos, se recolectariam ostras, igualmente bem representadas no registo arqueológico. É interessante notar que este molusco é residual na alimentação das populações do Neolítico Final e do Calcolítico de Leceia, denotando que o assoreamento daquele pequeno estuário estaria quase concluído nos últimos séculos do IV milénio a.C.

No conjunto, as produções cerâmicas são dominadas por duas formas principais: a taça em calote, de bordo simples, com diâmetros que chegam a atingir 30 cm e os vasos esferoidais/ovóides, de bordo direito e inclinado para o interior, ou ligeiramente extrovertido, o que determina a formação de colo pouco pronunciado e perfil em S característico. No que respeita às técnicas e padrões decorativos, ocorrem, vestigialmente, as cerâmicas com decoração cardial, apenas representadas por cinco fragmentos, nenhum deles com bordo conservado, que não ultrapassam 2% dos exemplares decorados. Entre as restantes decorações, são abundantes os espinhados obtidos por incisão, a par dos motivos em espiga (também designados em “falsa folha de acácia”), produzidos por punção oblíquo, facilmente diferenciáveis dos seus congéneres calcolíticos, em geral de maiores dimensões e produzidos por impressão de matriz elipsoidal. São também comuns as bandas, horizontais ou verticais, definidas por linhas incisas, com preenchimento interior de segmentos oblíquos. Decoração particular é a que corresponde a padrões miúdos de linhas incisas, formando espinhados, associados a finos cordões em relevo, igualmente segmentados por traços incisos. Aliás, a associação de tais decorações a elementos plásticos encontra a sua melhor expressão em fragmento de grande vaso, cujo colo se encontra sublinhado por protuberância perimetral, decorada por linhas incisas oblíquas, a partir da qual se desenvolvem, para ambos os lados, padrões de triângulos isósceles igualmente preenchidos interiormente por linhas oblíquas. Trata-se de exemplar excepcional, também pela alta qualidade do acabamento das superfícies, com

revestimento a aguada avermelhada (almagre?).

Os elementos de preensão estão representados por pegas sobre o bordo ou abaixo deste, munidas de perfurações horizontais, por vezes associadas a cordões em relevo nelas convergentes, e os bordos apresentam em alguns casos decorações denteadas, sobre o lábio (Fig. 9).

As indústrias de pedra polida estão representadas por um conjunto de artefactos de pequenas dimensões, de boa manufactura, com o predomínio de enxós, com e sem vestígios de utilização nos gumes. Um exemplar evidencia a existência de uma grande lasca resultante de impacto violento – usada possivelmente como sacho – na face dorsal, e pequenas lascas sobre o gume (Fig. 10).

No grupo dos artefactos de pedra afeiçoada, além de elementos destinados a moagem (dormentes e moventes) e relacionados com a confecção de artefactos de pedra polida, representados por dois polidores, um de calcário duro, o outro de basalto, assinala-se a existência de percutores, sobre pequenos seixos rolados de quartzito, destinados a trabalhos de precisão, ou de maiores dimensões, de sílex, a atestar a abundância daquela matéria-prima no local. Um deles foi recolhido no enchimento de uma estrutura de significado desconhecido. Trata-se de uma depressão escavada nos calcários cretácicos apinhoados, pouco funda, completamente colmatada por blocos de basalto e desprovida de materiais arqueológicos, a não ser o referido percutor.

2.5. Grutas do Poço Velho (Cascais)

Deste complexo sistema de cavidades, abertas nos calcários do Cretácico Inferior, explorado nos meses antecedentes ao da célebre IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas reunido em Lisboa em Setembro de 1880 por ordem de Carlos Ribeiro, Director da Comissão dos Trabalhos Geológicos e Secretário-Geral do dito Congresso, provém um fragmento de vaso de carena alta, hoje desaparecido, com decoração abaixo bordo, constituída por linhas incisas oblíquas com orientação alternada, possuindo tanto o bordo, como a carena, leves denticulados (Paço, 1941, Est. 29, b). Pela forma e decorações, trata-se de uma produção do Neolítico Antigo, com paralelos na região transmontana – Buraco da Pala e Fraga d’Aia (Sanches, 1996, Fig. 10, 11), no interior centro do País, na bacia interior do Mondego (Valera, 1998, Est. IV, IX), com extensão esporádica por domínios mais meridionais, como é o caso da gruta da Casa da Moura (Óbidos) (Carreira & Cardoso, 2001/2002, Fig. 45, 47, 48, 51) e da gruta II da Senhora da Luz (Rio Maior) (Cardoso, Ferreira & Carreira, 1996, Fig. 46). Menos claro é o caso do fragmento de taça em calote (Paço, 1941, Est. 29 d), o qual embora não tenha paralelos evidentes nas produções do Neolítico Final ou

do Calcolítico da região, também os não possui no Neolítico Antigo, embora a técnica do punctionamento oblíquo presente na peça sugira a sua integração neste último grupo de produções (Fig. 11).

2.6. Palácio Lumiares (Lisboa)

Situado no casco histórico da cidade, implanta-se na parte culminante de plataforma formando istmo, outrora delimitado pelo estuário do Tejo, de um lado, e a enseada formada pelo esteiro que, a partir daquele, se desenvolvia para montante, abarcando o Rossio e os Restauradores, prolongando-se depois ao longo da Avenida da Liberdade (Fig. 12). A escavação realizada pela ERA-Arqueologia, SA. (Valera, 2006), identificou, assente no substrato miocénico, um paleossolo anegrado, de época neolítica, onde se recolheu uma abundante indústria lítica, ainda não estudada em pormenor, incluindo lamelas, truncaturas, e geométricos (segmentos), além de outros artefactos, como núcleos. Tal realidade indica uma intensa actividade especializada no talhe do sílex, oriundo das bancadas cretácicas situadas a cerca de 2,5 km de distância. Os escassos fragmentos cerâmicos, alguns com elementos de prensão, ostentam nalguns casos motivos em espiga com desenvolvimento horizontal, formando faixa abaixo do bordo, motivos incisos e impressos, além da técnica "boquique". Duas datações por B-OSL para o sedimento do paleossolo deram os resultados de:

ITN-Lum-30: 4235-3755 BC (para um sigma);
ITN-Lum-31: 4175-3815 BC (para um sigma).

Estes resultados, apesar da sua grande amplitude, afiguram-se compatíveis com o Neolítico Médio. A ser assim, pode concluir-se que a época imediatamente ulterior ao Neolítico Antigo Evolucionado ainda seria caracterizada por produções cerâmicas cujas afinidades com aquele complexo cultural são evidentes, pelo menos na região de Lisboa, situação que parece confirmar-se no sítio a seguir apresentado. No entanto, estes resultados podem merecer reservas, não pelos métodos em si mesmos, mas pelo facto de os grãos de quartzo, aquando do seu último recobrimento, poderem não ter na íntegra o seu relógio aferido a zero. Com efeito, as tipologias das cerâmicas encontradas não é incompatível com o Neolítico Antigo Evolucionado, embora A.F. Carvalho tenha informado que as formas cerâmicas no Neolítico Médio, com base nos resultados obtidos nos sítios do Maciço Calcário Estremenho da Pena d'Água e da Costa do Pereiro (ainda inédito), "são essencialmente as mesmas do Neolítico Antigo Evolucionado: taças em calote, hemisféricas, globulares, estes no entanto mais raros. Há um quase desaparecimento dos elementos de prensão. A decoração mais característica, numa fase inicial do Neolítico Médio, é o sulco sob o bordo, quando aparece

associado ainda a falsa folha de acácia (ou, talvez mais frequentemente, a incisões em espinha), boquique e impressões diversas. Numa segunda fase mantém-se o boquique e, caso interessante, os penteados incisos. O traço no entanto mais característico é o aumento progressivo e muito significativo da percentagem de cerâmica lisa, que já é predominante desde o Neolítico Antigo. As peças decoradas são sempre residuais" (comunicação de 9 de Junho de 2010). Nestes termos, mantém-se indefinida a época a que deve ser reportada a ocupação desta estação, devido à possível imprecisão dos resultados cronométricos obtidos.

2.7. Encosta de Sant'Ana (Lisboa)

Local implantado na base do morro de Sant'Ana, junto do esteiro outrora formado pela penetração do estuário do Tejo ao longo do vale da ribeira de Arroios, formando um pequeno braço de águas salobras pouco profundas, propício à recolocção de moluscos (Fig. 13). Foram, com efeito, tais condições favoráveis, que justificaram a implantação identificada aquando dos trabalhos arqueológicos realizados decorrentes da reconversão urbanística da zona (Muralha & Costa, 2006). Em paleossolo de origem aluvionar, identificaram-se diversas estruturas de combustão, uma estrutura do tipo fossa e um possível buraco de poste, relacionados com restos de *Bos* sp., *Ovis/Capra*, *Sus scrofa*, *Oryctolagus cuniculus* e *Lepus* sp.

Duas datações de radiocarbono realizadas sobre carvões de espécies indeterminadas deram o seguinte resultado:

Sac-1893: 5420 ± 45 BP;
Sac-1894: 5140 ± 140 BP,

a que correspondem os intervalos a 2 sigma, respectivamente, de 4347-4053 e 4323-3647 cal BC. Estes resultados mostram que se trata de uma ocupação que se pode situar, do ponto de vista cronológico, na transição para o Neolítico Médio, tal como a anterior.

No entanto, dado que não se indica a natureza das espécies vegetais datadas (de vida curta ou longa?), nem existir a certeza de todos os fragmentos carbonosos datados serem sincrónicos, a única data que se afigura fiável, obtida ulteriormente às duas anteriores, sendo também mais antiga do que aquelas, corresponde a análise sobre conchas de *Mytilus* sp. provenientes de uma fossa (EU 05):

Sac-1990: 6450 ± 50 BP,

a qual, depois de corrigida para o efeito oceânico e de calibrada, deu o resultado de 6070 ± 60 BP, sendo, pois, consentânea com o Neolítico Antigo Evolucionado,

conclusão compatível com a tipologia da cerâmica (Carvalho, 2008).

As cerâmicas decoradas constituem 14,6% do conjunto total dos fragmentos recolhidos, que ascendem a 704 exemplares. As técnicas e padrões decorativos repartem-se pelas decorações plásticas (6%), impressões (50%), incisão (31%) e decorações compósitas (13%). Na impressão, sobressai a técnica boquique, correspondente a 50% daquele grupo. Com efeito, é a esta técnica que se reportam dois dos três recipientes mais completos, dois vasos em forma de saco munidos de asas, anelares ou em fita, associadas no primeiro caso a botões decorativos. Está presente o motivo em grinalda, obtido por incisão, o motivo em espiga, considerado pelos autores como inciso (trata-se de puncionamentos oblíquos, misto de impressão e incisão) e os característicos bordos denteados sobre o lábio. Verifica-se, pois, existirem fortes afinidades deste conjunto com as cerâmicas do Neolítico Antigo Evolucionado, a que deverão pertencer.

No respeitante à indústria lítica, estão presentes lascas retocadas, lamelas, peças com dorso, buris, furadores, raspadores e raspadeiras, além de núcleos prismáticos e não prismáticos, essencialmente de sílex, de origem próxima, obtido afloramentos do Cretácico, ou mesmo local, sob a forma de seixos rolados. O registo faunístico integra, entre os 41 fragmentos ósseos classificáveis, por ordem decrescente, os seguintes táxones: *Sus scrofa*, *Ovis/Capra*, *Oryctolagus cuniculus*, *Bos* sp., *Cervus elaphus* e *Lepus* sp. (Muralha & Costa, 2006).

2.8. Gaio (Moita)

Tal como o sítio anterior, implantava-se sobre um braço da margem esquerda do estuário do Tejo (Fig. 14), tendo sido apenas explorado em pequena área, onde se identificaram diversas estruturas negativas de combustão, escavadas nas areias da base e dois possíveis buracos de poste (Soares, Silva & González, 2004). O carácter estável da ocupação é indicado pela relação entre recipientes cerâmicos e utensílios líticos, com elevada quantidade dos primeiros, indicando local de características residenciais. Na utensilagem lítica, o sílex é dominante (72,9%), oriundo da margem direita do Tejo e provavelmente da região de Lisboa. Trata-se de indústria de tradição mesolítica, com quase ausência de lâminas. Na cerâmica, ocorre a decoração cardial, representada por 3 exemplares entre 43 decorados, observando-se o domínio da técnica incisa (16) e impressa (14), sob a forma de linhas incisivas, espinhados horizontais e verticais e impressões punctiformes alinhadas. Os bordos apresentam-se simples, ou com denteado sobre o lábio, ocorrendo também elementos de preensão junto do bordo, ultrapassando-o, ou desenvolvendo-se verticalmente, sob o mesmo.

2.9. Casal da Cerca (Palmela)

Localiza-se em rechã da encosta norte da colina de Palmela, e sobre o rebordo da mesma, dominando visualmente para Norte vasta depressão, correspondente ao sinclinal da península de Setúbal, até ao estuário do Tejo. A camada arqueológica encontra-se assente em fino leito de areia esbranquiçada, que cobre o substrato miocénico, e é constituída por areia carbonosa (Fig. 15).

O espólio encontra-se ainda a aguardar publicação, mas foi já apresentado oralmente (Silva & Soares, em publicação); uma observação preliminar indica tratar-se de conjunto homogéneo, do Neolítico Antigo evolucionado, incluindo geométricos (segmentos), furadores, lamelas e núcleos, entre outros artefactos. As cerâmicas possuem decorações plásticas, incisivas e impressas, cuja disposição e desenvolvimento se relaciona, por vezes, com a existência de elementos de preensão junto ao bordo, constituídos por mamilos maciços, ou com perfurações horizontais ou verticais.

A datação obtida sobre restos carbonosos, recolhidos na camada arqueológica, é a seguinte (Soares & Silva, no prelo):

Beta-235886: 6160 ± 50 BP (5220-4970 cal BC, para 2 sigma),

afigurando-se compatível com as características do espólio exumado, muito semelhante ao recolhido no Carrascal. Aliás, a natureza residencial desta estação, só explorada em sector reduzido, encontra-se sublinhada pela proximidade a solos de boa aptidão agrícola, tal como se observa naquela estação.

2.10. Fonte de Sesimbra (Sesimbra)

Trata-se de sítio implantado em vasta zona plana e arenosa, na confluência de duas linhas de água, oferecendo assim condições propícias para a prática de uma agricultura incipiente. Os materiais provêm de recolhas de superfície e integram microburis, furadores, raspadeiras, raspadores, lascas retocadas, lâminas e lamelas, geométricos (segmento alongado), além de cerâmicas lisas e decoradas, incluindo-se nestas espinhados incisivos, motivos em espiga (ou falsa folha de acácia, produzido por puncionamento oblíquo), impressões diversas e elementos de preensão sobre o bordo (Soares, Silva & Barros, 1979).

2.11. Lapa do Fumo (Sesimbra)

Trata-se de cavidade natural aberta nos calcários jurássicos, a Oeste de Sesimbra, ocupando o topo da encosta meridional da cadeia da Arrábida, caindo abruptamente sobre o mar. As investigações efectuadas

desde finais da década de 1950 e na seguinte, permitiram a identificação, sob uma camada avermelhada devido à abundância de ocre vermelho utilizado nas cerimónias fúnebres, pertencente ao Neolítico Final (Serrão e Marques, 1971), de um depósito arqueológico mais antigo, correspondente a uma "bolsa de areias acinzentadas, contendo fragmentos de cerâmica com decoração impressa (ausência do tipo clássico cardial)" (*op. cit.*, p. 127; Serrão, 1975).

É, pois, deste depósito, correlacionado pelos autores com o seu complexo cultural A, já então acertadamente atribuído "pelo tipo de cerâmica a uma fase antiga do Neolítico" (*idem, ibidem*), o mais antigo ali identificado, que provém o espólio a seguir referido, o qual se manteve inédito até agora. Trata-se de um conjunto homogéneo de cerâmicas decoradas, as quais nem sempre foram recolhidas naquele depósito, em resultado de misturas de materiais ou do próprio método utilizado na escavação, correspondentes a vasos em forma de saco e a taças em calote ou a esféricos. Estas duas últimas formas caracterizam-se, em geral, por decorações simples, sobretudo produzidas por linhas horizontais obtidas por punção oblíqua sob o bordo, estando também presentes decorações incisas em espinhados horizontais, que ocupam boa parte da superfície dos recipientes. Quanto aos vasos em forma de saco, as decorações, mais barrocas, correspondem a impressões/incisões por punção oblíqua contínuo ou descontínuo, formando neste caso motivos em espiga (também designado por "falsa folha de acácia"), desenvolvendo-se em bandas horizontais ou verticais (métopas), em relação com elementos de preensão, estando também presentes pequenos pares de pequenos mamilos decorativos e simbólicos (Fig. 16). Este tipo de recipientes encontram a sua melhor expressão em dois exemplares quase completos já publicados, assim descritos por um dos dois autores acima citados: "Na mesma gruta, numa cavidade onde não foi possível encontrar quaisquer dados estratigráficos, a mesma cerâmica apareceu-nos em quantidade, tendo nós reconstituído quase totalmente 2 vasos (...)" (Serrão, 1975, p. 207). Deste modo, pode concluir-se que, à excepção de restos de alimentos e de "pouquíssimos" ossos humanos que acompanhariam parte dos materiais agora dados a conhecer, os dois vasos referidos não se encontravam associados a nenhum outro espólio, sendo lícito admitir que se encontravam depositados de forma isolada em um determinado sector da gruta, correspondendo assim a depósito ritual, eventualmente de carácter funerário.

3. CONCLUSÕES

Da caracterização sumariamente apresentada, podem extrair-se as seguintes conclusões gerais:

1.

O conjunto das novas estações do Neolítico Antigo dadas a conhecer desde 2005 na Baixa Estremadura – ou dos novos materiais delas oriundos – incluindo as que, antes dessa data, já haviam sido referenciadas na Península da Arrábida (o único sítio nestas condições é o da Fonte de Sesimbra, onde apenas se efectuaram colheitas de superfície), evidencia a pujança da investigação realizada, em boa parte devida às intervenções de minimização de impactes ambientais decorrentes da construção urbana, de infraestruturas rodoviárias, ou ainda da exploração de pedreiras: é o caso, respectivamente, das duas estações identificadas no casco histórico de Lisboa e da explorada na área urbana de Palmela (Palácio Lumières, Encosta de Sant'Ana e Casal da Cerca); da Cova da Baleia; e da Moita da Ladra. Ainda dentro deste grupo se poderia inscrever a estação de Lameiras (Sintra) a qual, tendo sido objecto de escavações de emergência há já vários anos, sob a responsabilidade de Teresa Simões (Câmara Municipal de Sintra), não originou ainda, lamentavelmente, nenhuma informação escrita, apesar da sua proclamada importância. Outras ocorrências resultam da revisão de materiais antigos: caso das grutas do Correio Mor, das grutas do Poço Velho e da Lapa do Fumo. Apenas as escavações efectuadas no Carrascal e no Gaio foram motivadas por objectivos essencialmente científicos.

2.

No respeitante às estações de carácter habitacional, evidenciam-se diversos tipos de implantação: assim, sendo tradicionalmente considerado o modo de implantação do Neolítico Antigo do centro e sul do território português mais característico a ocupação de encostas suaves, na proximidade de linhas de água, realidade tão expressivamente representada pela estação do Carrascal, a que também se associa a da Fonte de Sesimbra, observa-se, na área em causa, uma estratégia particular, nas margens dos esteiros outrora formados pela penetração de águas salobras do estuário do Tejo, tanto na sua margem norte (Encosta de Sant'Ana), como na margem sul (Gaio), em resultado da disponibilidade, praticamente ilimitada, de recursos facilmente acessíveis ao longo de todo o ciclo anual nas áreas estuarinas adjacentes. Tal realidade não impediu, no entanto, pelo menos no primeiro daqueles locais, o abastecimento de proteínas resultantes da caça e da criação de gado ovino/caprino e bovino, explicando-se o desaparecimento das conchas por fenómenos tafonómicos relacionados com a acidez dos solos.

Igualmente relevante é a ocupação de altos isolados, de onde se dominavam vastos horizontes, como a chaminé vulcânica da Moita da Ladra, a partir da qual se avista, para sul, todo o estuário interior do Tejo e a extensa zona de terras baixas para além dele. Mas a importância estratégica desta elevação é ainda

sublinhada – e isso explica a sua escolha, no Calcolítico, para a implantação de um povoado fortificado – pelo domínio visual da extensa baixa aluvionar de Loures, que se desenvolve na área adjacente.

Este modo de implantação, tinha sido, aliás, já valorizado em trabalho anterior, no respeitante ao povoado de Salemas, que controla portela, estabelecendo ligação entre a referida baixa aluvionar e os relevos calcários, cujas cotas que ultrapassam os 200 m de altitude.

Na própria área urbana de Lisboa, o sítio do Palácio Lumiares corresponde em parte a esse tipo de implantação, já que se trata de uma plataforma culminante da cidade (o “Bairro Alto”), dominando os esteiros e o próprio estuário do Tejo que outrora se desenvolviam no seu sopé. Situação idêntica, no rebordo de uma plataforma elevada, voltada a norte, se observa no Casal da Cerca, onde a agricultura se poderia efectuar de forma eficaz, sem descurar o domínio visual da vasta paisagem que se estende para norte, até o estuário do Tejo.

3.

A natureza das ocupações é também aspecto a considerar: nuns casos, trata-se de sítios especializados em determinada actividade, ainda mal conhecida – caso da Cova da Baleia – ou atribuída ao talhe do sílex, como o sítio do Palácio Lumiares. Noutros casos, o estacionamento foi mais continuado, pressupondo estações de carácter residencial, cujo melhor exemplo é o Carrascal, mas onde também se inscrevem o Gaio e o Casal da Cerca. A ocorrência de bovídeos domésticos, confirmados no Carrascal, a par de ovelha/cabra e de suínos, a que se junta a farinação, constituem argumentos que reforçam tal conclusão. Enfim, na Moita da Ladra, a presença de artefactos polidos de fibrolite, de pequenas dimensões de gumes intactos, a par do escasso espólio cerâmico ou lítico recolhido, leva a admitir tratar-se de um sítio de carácter não exclusivamente habitacional, sublinhado pelas características geomorfológicas da sua implantação.

4.

O conhecimento da cronologia absoluta do Neolítico Antigo da região de Lisboa conheceu nestes últimos cinco anos um assinalável progresso, mercê dos resultados obtidos em cinco dessas estações, das quais quatro de carácter habitacional: Carrascal, Lumiares, Encosta de Sant’Ana e Casal da Cerca; e uma de natureza funerária: a gruta natural do Correio-Mor.

Assim, as datações absolutas indicam, para o Neolítico Antigo Evolucionado, um intervalo de tempo, correspondente aos últimos quatro séculos do VI milénio a.C., estendendo-se pelo primeiro século do milénio seguinte, ou seja, entre 5400 e 4900 a.C., período durante o qual se procedeu à ocupação do Carrascal e do Casal da Cerca, bem como da gruta do Correio-Mor.

Nesta altura, a presença de produções cardiais é residual, sendo aparentemente substituídas – na hipótese de existência, que se perfilha, de um Neolítico Cardial, mais antigo, representado por estações do Maciço Calcário Estremenho, com prolongamentos laterais, como o da serra de Tomar (gruta do Caldeirão) – por cerâmicas profusamente decoradas por incisões, impressões e decorações plásticas. Isto significa, tendo presentes as datas obtidas para estações do Neolítico Cardial da área referida, em torno de meados do VI milénio a.C. (Carvalho, 2008), que parece existir um desfazamento de cerca de duzentos anos entre as ocupações mais antigas ali documentadas, onde as produções cardiais estão muito bem representadas, e a Baixa Estremadura, região em que tais produções estão sempre escassamente presentes, ou não existem de todo. Mas a escassez de produções cardiais nesta região pode explicar-se por outras razões que não as estritamente cronológicas, realidade que se encontraria evidenciada na gruta do Correio Mor: ali, de entre as dezenas de recipientes decorados, por vezes profusamente, não ocorre um único ostentando a técnica cardial, apesar das duas datações obtidas para a ocupação do Neolítico Antigo serem coerentes e indicarem, especialmente a última, obtida sobre ossos humanos, cronologia recuada, que abarca toda a segunda metade do VI milénio a.C. Tal situação poderia levar, no limite, a admitir a existência de uma linhagem de produções cerâmicas tão antigas quanto as cardiais, mas de tradição distinta, tal qual o admitido para a costa sudoeste (Soares & Silva, 2003). Estamos, pois, já algo afastados da conclusão que, em 2005, A. F. Carvalho apresentou, com base nos dados então disponíveis, segundo a qual “a mais antiga ocupação da região parece, em suma, ocorrer na transição do VI-V milénios cal BC” (Carvalho, 2005, p. 37). E se os resultados recentemente obtidos indicam, apesar de tudo, que o povoamento neolítico da Baixa Estremadura parece ter sido mais recente que o documentado no maciço Calcário Estremenho, também não deixa de ser verdade que a diferença cronológica entre ambas as regiões se esbateu, a ponto de deixar em aberto a hipótese de, futuramente, se poder concluir que tal ocupação foi sincrónica: mas para isso, é preciso encontrar, explorar e, sobretudo, publicar, novos sítios com datações credíveis.

5.

A transição para o Neolítico Médio poderia encontrar-se corporizada pelas estações de Lumiares e da Encosta de Sant’Ana, não fossem as limitações de vária ordem que afectam as datações obtidas para os dois sítios, sendo de registar, contudo, que a datação mais credível disponível para a segunda a situa no Neolítico Antigo Evolucionado. Deste modo, não existem ainda elementos arqueográficos nem arqueométricos seguros que ilustrem tal período de transição, o qual se teria processado no decurso da

segunda metade do V Milénio a.C.

6.

Enfim, com base nos escassos elementos disponíveis, verifica-se que as indústrias do Mesolítico conservaram, na utensilagem lítica do Casal da Cerca, alguns traços, conforme os autores sublinharam, sem prejuízo de, em outros casos, se notarem novas técnicas, como a do aquecimento prévio da matéria-prima, inovação característica do Neolítico Antigo, observada no Carrascal.

AGRADECIMENTOS

Ao Doutor António Faustino Carvalho pelo amável convite endereçado para participar nesta reunião científica e pelas informações sobre as características das cerâmicas do Neolítico Médio das estações do Maciço Calcário Estremenho que tem explorado, algumas ainda inéditas. A Bernardo Lam Ferreira e F. Martins o apoio prestado à preparação das ilustrações ora apresentadas. A Ana Catarina Sousa o envio de imagens das escavações da Cova da Baleia (Mafra). A João Muralha e Cláudia Costa a cedência de fotos das escavações da Encosta de Sant'Ana. A António Valera a cedência de fotos das escavações do Palácio Lumiares. A Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva a autorização para utilização dos elementos ainda inéditos, resultantes das escavações do Casal da Cerca (Palmela) e objecto de uma sua publicação, no prelo. Ao Director do Museu Nacional de Arqueologia a autorização para o estudo dos materiais arqueológicos inéditos da Lapa do Fumo (Sesimbra), que ali se encontram em depósito. A R. Boaventura a permissão para utilizar a base cartográfica realizada por M. Langley, que serviu de base cartográfica da Fig. 1.

BIBLIOGRAFIA

ANGELUCCI, D.E.; SOARES, A.M.; ALMEIDA, L.; BRITO, R.; LEITÃO, V. (2007) – Neolithic occupation and mid-Holocene soil formation at Encosta de Sant'Ana (Lisbon, Portugal): a geoarchaeological approach. *Journal of Archaeological Science*, 34, p. 1641-1648.

CARDOSO, J.L. & CANINAS, J.C. (2010) – Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado. *Colóquio Internacional Transformação e Mudança nos 4º./3º. milénios a.n.e.(Cascais, 2005)*. Actas. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 57-87.

CARDOSO, J.L. (2003) – A gruta do Correio Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 11, p. 229-321.

CARDOSO, J.L. (em publicação) – Xarez 12. Estudo arqueozoológico dos mamíferos. EDIA.

CARDOSO, J.L.; CARREIRA, J.R. & FERREIRA, O. da V. (1996) – Novos elementos para o estudo do Neolítico Antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 9-26.

CARDOSO, J.L.; FERREIRA, O. da V. & CARREIRA, J.R. (1996) – O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 195-256.

CARDOSO, J.L.; SILVA, C.T. da & SOARES, J. (2008) – A ocupação do Neolítico Antigo do povoado do Carrascal (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 16, p. 247-267 (Homenagem a O. da Veiga Ferreira).

CARREIRA, J.R. & CARDOSO, J.L. (2001/2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 10, p. 249-361.

CARVALHO, A.F. (2005) – As mais antigas sociedades camponesas da Península de Lisboa (c. 5200-4500 cal BC). In GONÇALVES, V. S. (ed.), *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

CARVALHO, A.F. (2008) – *A neolitização do Portugal meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica, 12).

MURALHA, J. & COSTA, C. (2006) – A ocupação neolítica da Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). *IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 2004)*. Actas. Faro: Universidade do Algarve, *Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica*, p. 157-169 (Promontoria Monográfica, 04).

PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, 22, p. 45-84.

SANCHES, M.J. (1996) – *Ocupação pré-histórica do nordeste de Portugal*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques. Séries Monografias y Estudios.

SERRÃO, E. da C. (1975) – Contribuições arqueológicas do sudoeste da Península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 1, p. 199-225.

SERRÃO, E. da C. & MARQUES, G. (1971) – Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo. *II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Junta Nacional da Educação, 1, p. 121-142.

SOARES, J. (2001) – O povoado pré-histórico da Ponta da Passadeira: economia ribeirinha dos IV/III milénios a.C. *Arqueologia e História Local da Península de Setúbal*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 101-127.

SOARES, J. & SILVA, C.T. da (2003) – A transição para o Neolítico na costa sudoeste portuguesa. In GONÇALVES, V.S. (Ed.), *Muita gente, poucas antas? Orígens, espaços e contextos do megalitismo. II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Actas. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 45-56 (Trabalhos de Arqueologia, 25).

SOARES, J. & SILVA, C.T. da (no prelo) – O Neolítico do Casal da Cerca (Palmela). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal.

14 (Actas do II Encontro da Arrábida, Homenagem a A. I. Marques da Costa).

SOARES, J.; SILVA, C.T. da & GONZÁLEZ, A. (2004) – Gaio: um sítio do Neolítico Antigo do Estuário do Tejo. / *Jornadas de História e Património Local*. Actas. Moita: Câmara Municipal da Moita, p. 37-59.

SOUSA, A.C. (2008) – Arqueologia na A21. Uma análise preliminar dos trabalhos arqueológicos 2004-2007. *Boletim Cultural*. Mafra, p. 411-497.

VALERA, A. (1998) – A neolitização da bacia interior do Mondego. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 6, p. 131-148 (Actas do Colóquio A Pré-História na Beira Interior. Tondela, 1997).

VALERA, A. (2006) – O Neolítico da desembocadura do paleoestuário do Tejo: dados preliminares do Palácio dos Lumiares. *Era-Arqueologia*. Lisboa. 7, p. 86-108.

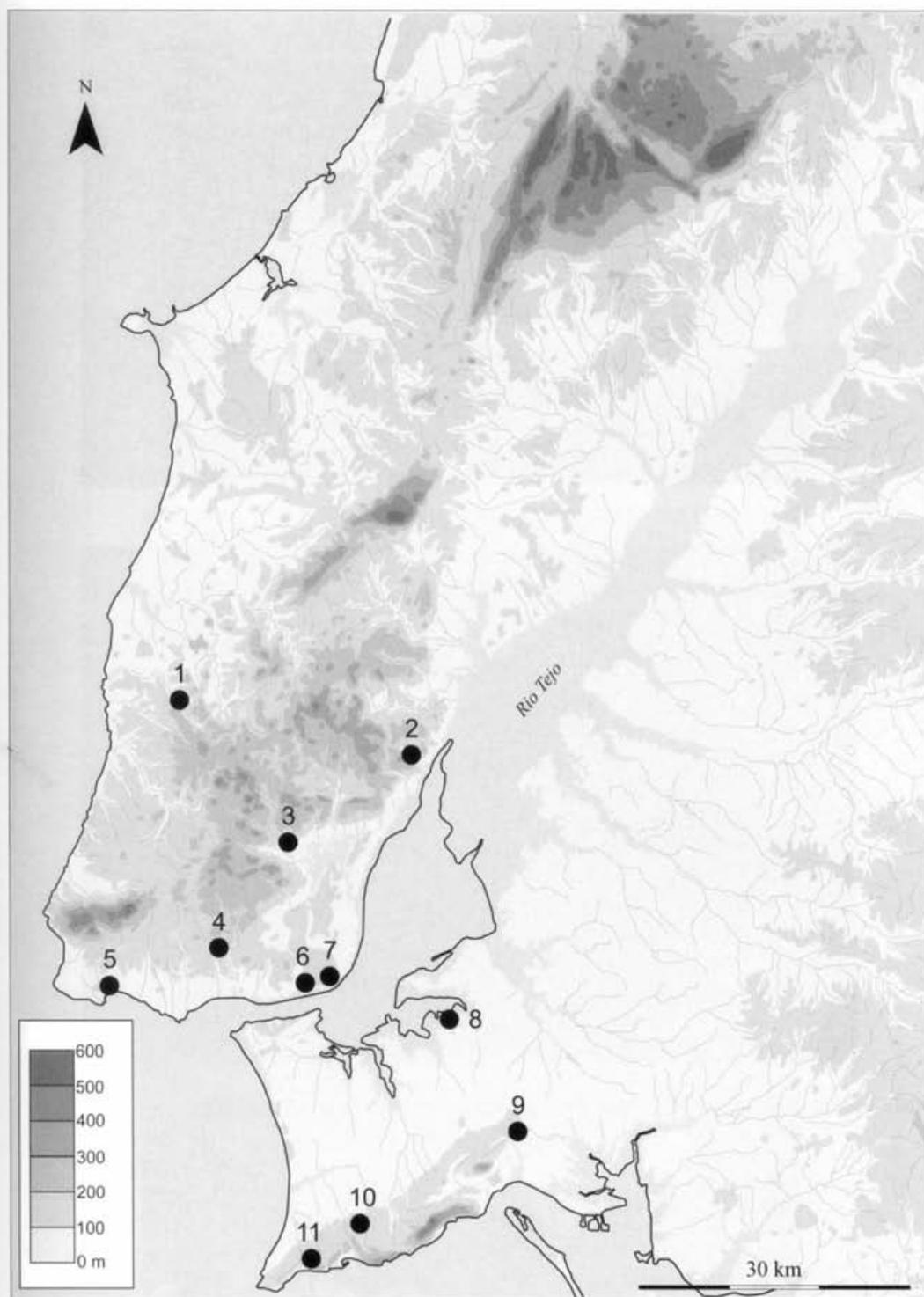


Figura 1. Localização das estações estudadas na Baixa Estremadura. 1 - Cova da Baleia (Mafra); 2 - Moita da Ladra (Vila Franca de Xira); 3 - Gruta do Correio-Mor (Loures); 4 - Povoado do Carrascal (Oeiras); 5 - Grutas do Poço Velho (Cascais); 6 - Palácio Lumiares (Lisboa); 7 - Encosta de Santana (Lisboa); 8 - Gaió (Moita); 9 - Casal da Cerca (Palmela); 10 - Fonte de Sesimbra (Sesimbra); 11 - Lapa do Fumo (Sesimbra). Base cartográfica de M. Langley, cedida por R. Boaventura.

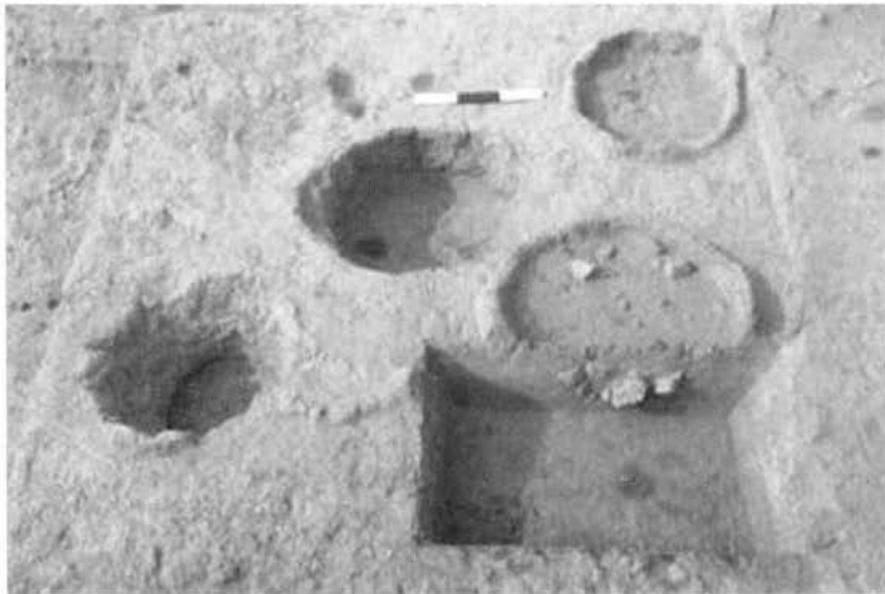


Figura 2. Cova da Baleia (Mafra). Vistas das escavações realizadas (seg. Sousa, 2008).

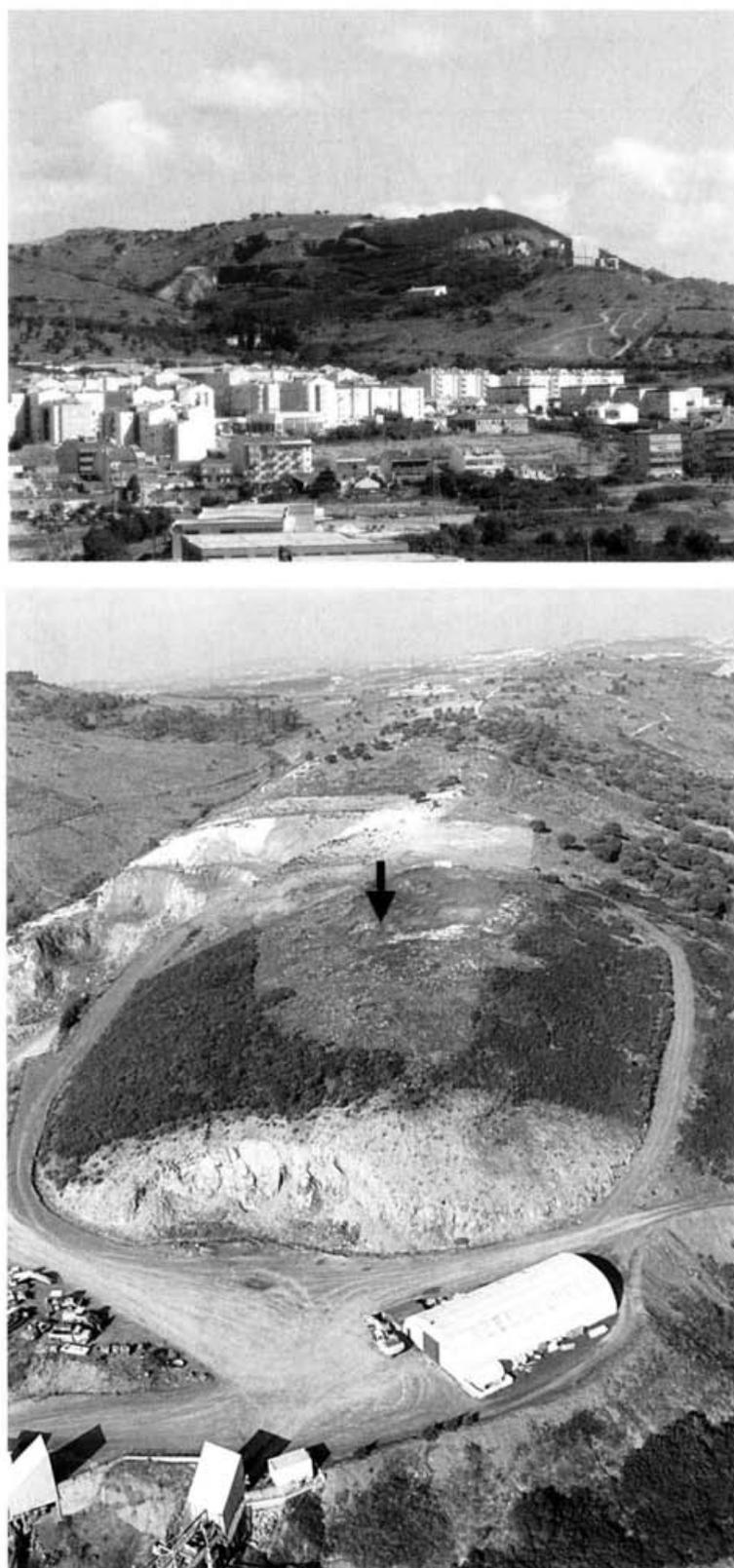


Figura 3. Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Em cima: o morro visto da A2, evidenciando-se, do lado direito, a pedreira que determinou a sua escavação integral (foto B.L. Ferreira); em baixo: vista aérea oblíqua da área escavada no topo da elevação (foto J.L. Cardoso).

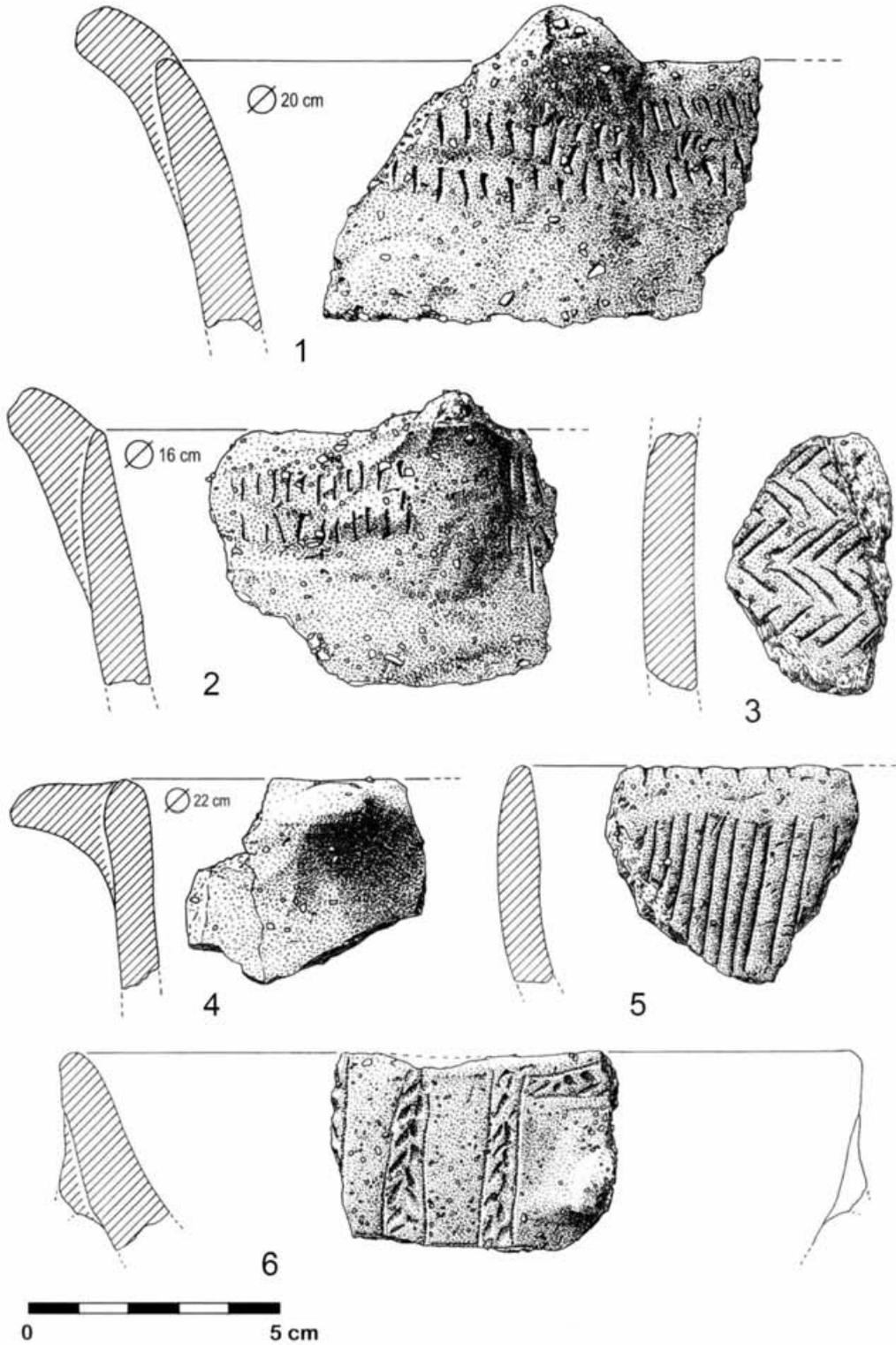


Figura 4. Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Materiais cerâmicos do Neolítico Antigo evolucionado. Desenhos de B.L. Ferreira.

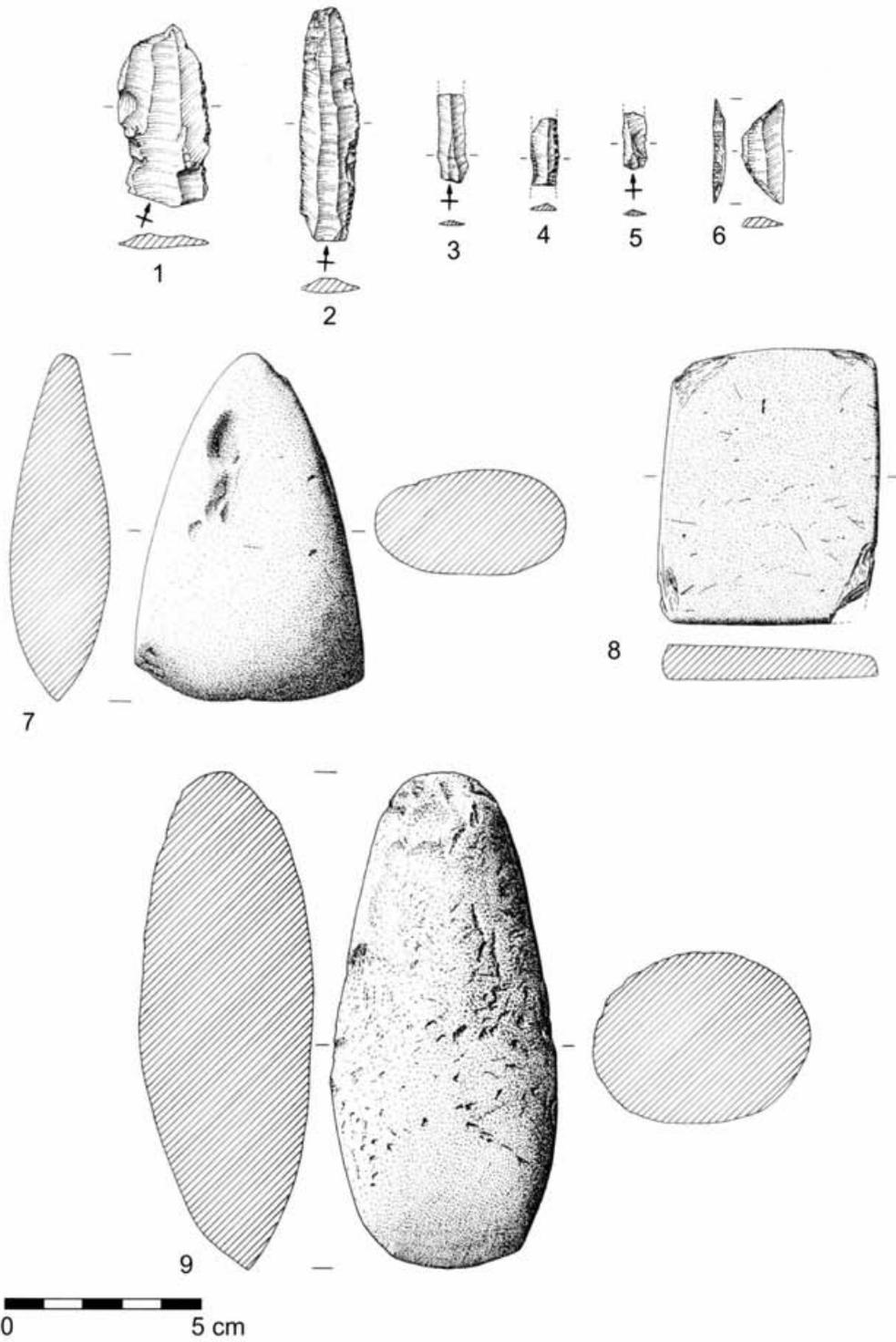


Figura 5. Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Materiais líticos do Neolítico Antigo evolucionado. 1 a 6 - de pedra lascada; 7 - machado polido de fibrolite; 8 - placa de xisto totalmente polida; 9 - machado de rocha ígnea local. Desenhos de B.L. Ferreira.

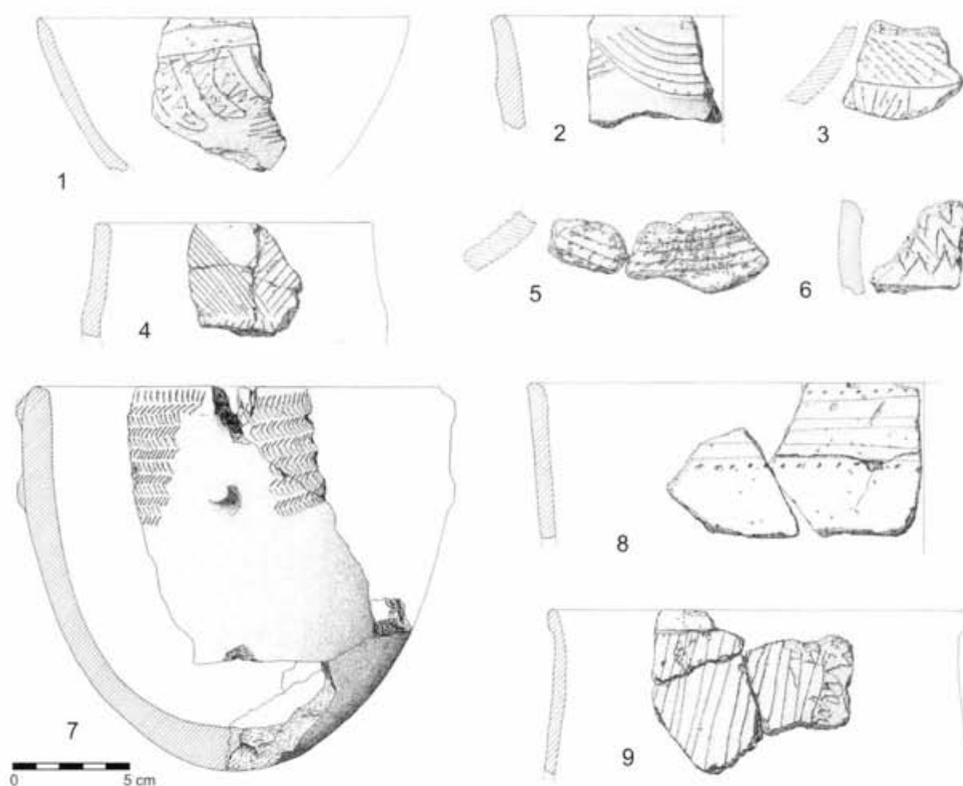


Figura 6. Gruta do Correio-Mor (Loures). Em cima: vista da entrada, posta a descoberto pela lavra de pedreira, aquando dos primeiros trabalhos de exploração; em baixo: materiais do neolítico Antigo dali provenientes. Desenhos de B. L. Ferreira.



Figura 7. Povoado do Carrascal (Oeiras). Em cima: vista geral da área escavada que forneceu materiais do Neolítico Antigo evolucionado. Ao centro e em baixo: sequência estratigráfica definida. Legenda: C. 1 - camada superficial moderna (exploração de pedreira); C. 2 - camada com materiais calcólicos oriundos do topo da escarpa, incluindo campaniformes; C.3 - camada com materiais do Neolítico Final; C. 4 - camada com materiais do Neolítico Antigo evolucionado; C. 5 - camada de alteração dos calcários cretácicos subjacentes ("terra rossa"). Fotos de J.L. Cardoso; desenhos de B.L. Ferreira.

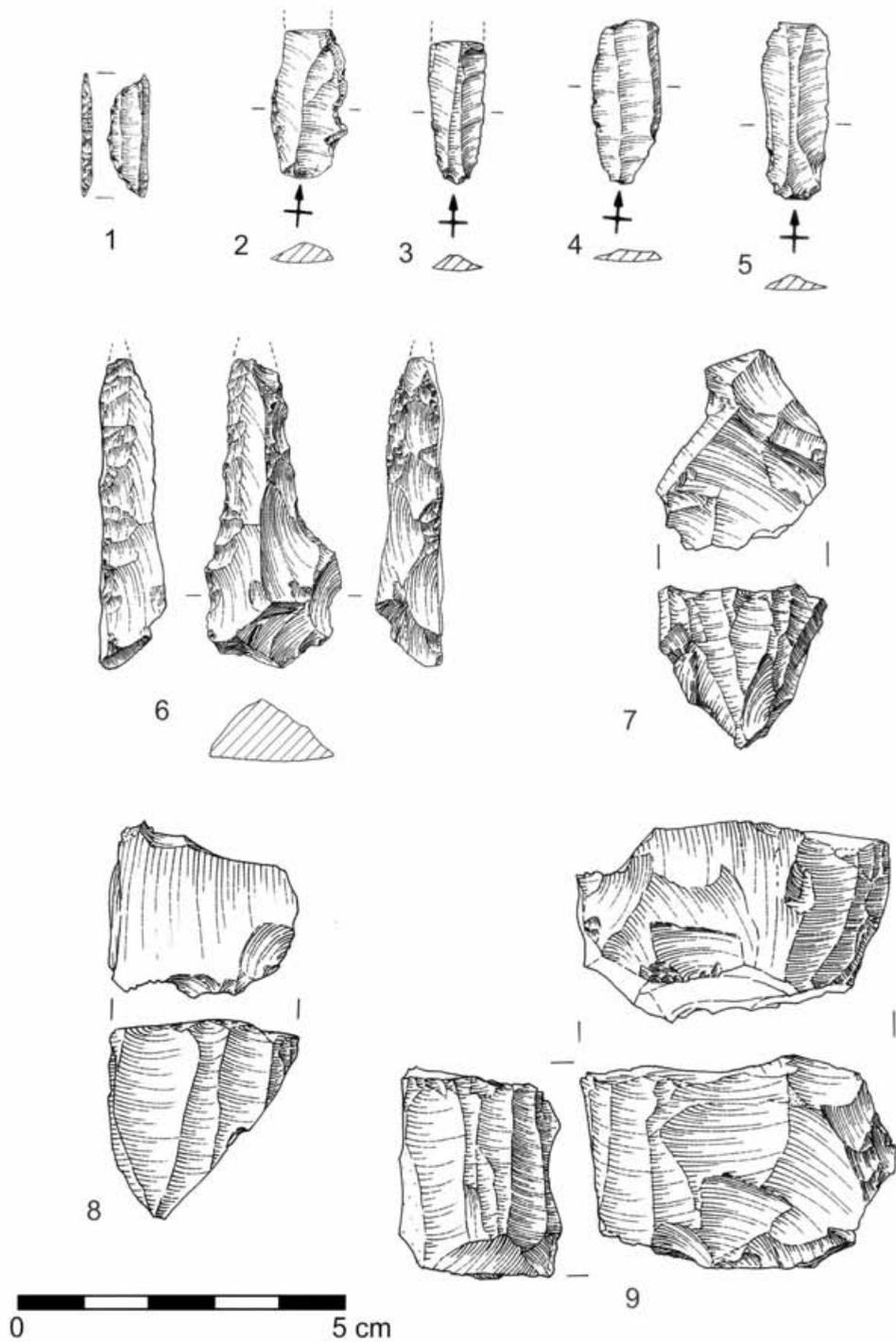


Figura 8. Povoado do Carrascal (Oeiras). Materiais de pedra lascada. Desenhos de B.L. Ferreira.

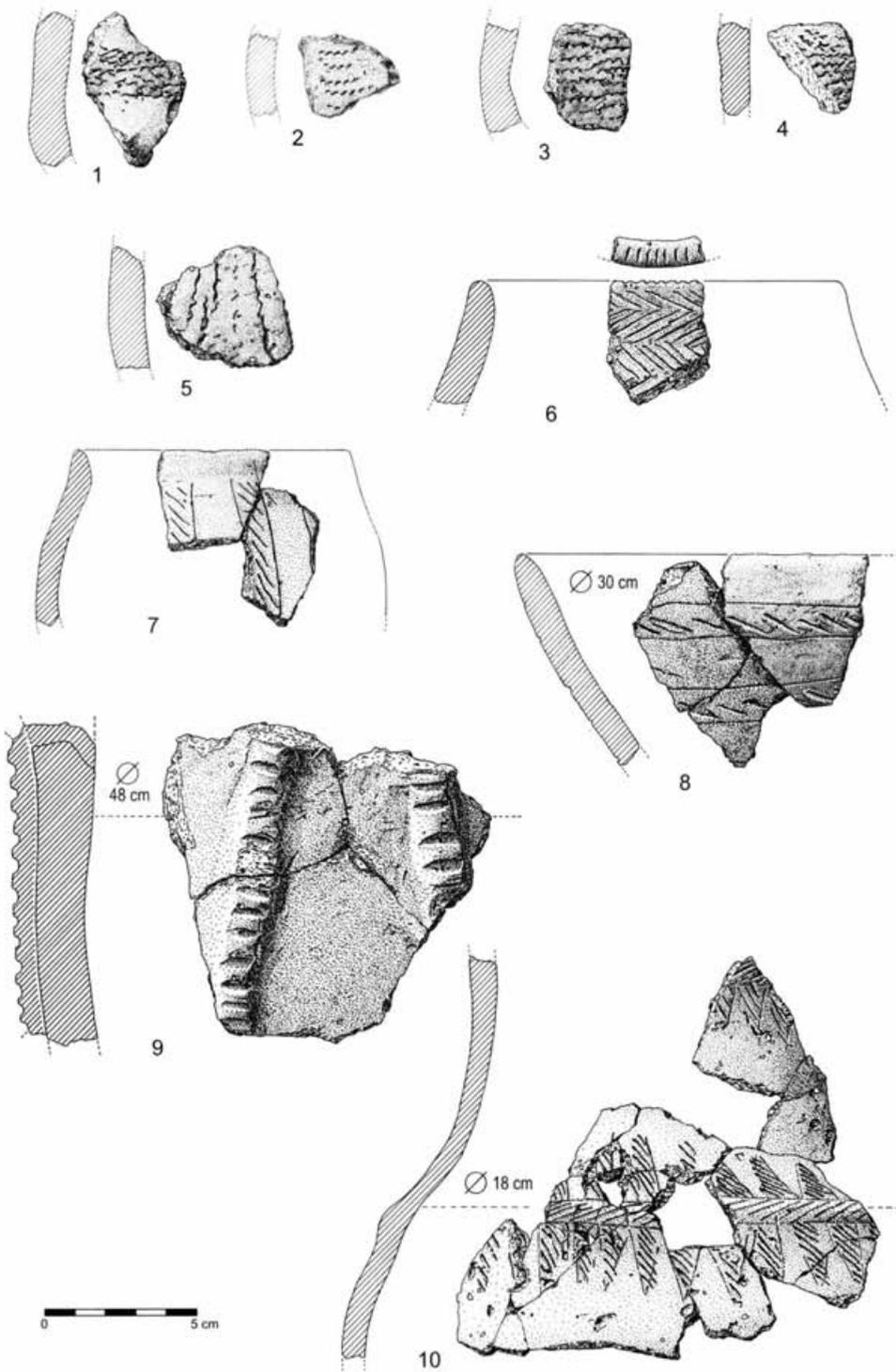


Figura 9. Povoado do Carrascal (Oeiras). Cerâmicas decoradas do Neolítico Antigo evolucionado. Os fragmentos n.º 1 a 5 ostentam decoração cardinal; o n.º 10 possui revestimento a aguada vermelha (almagre). Desenhos de B.L. Ferreira.

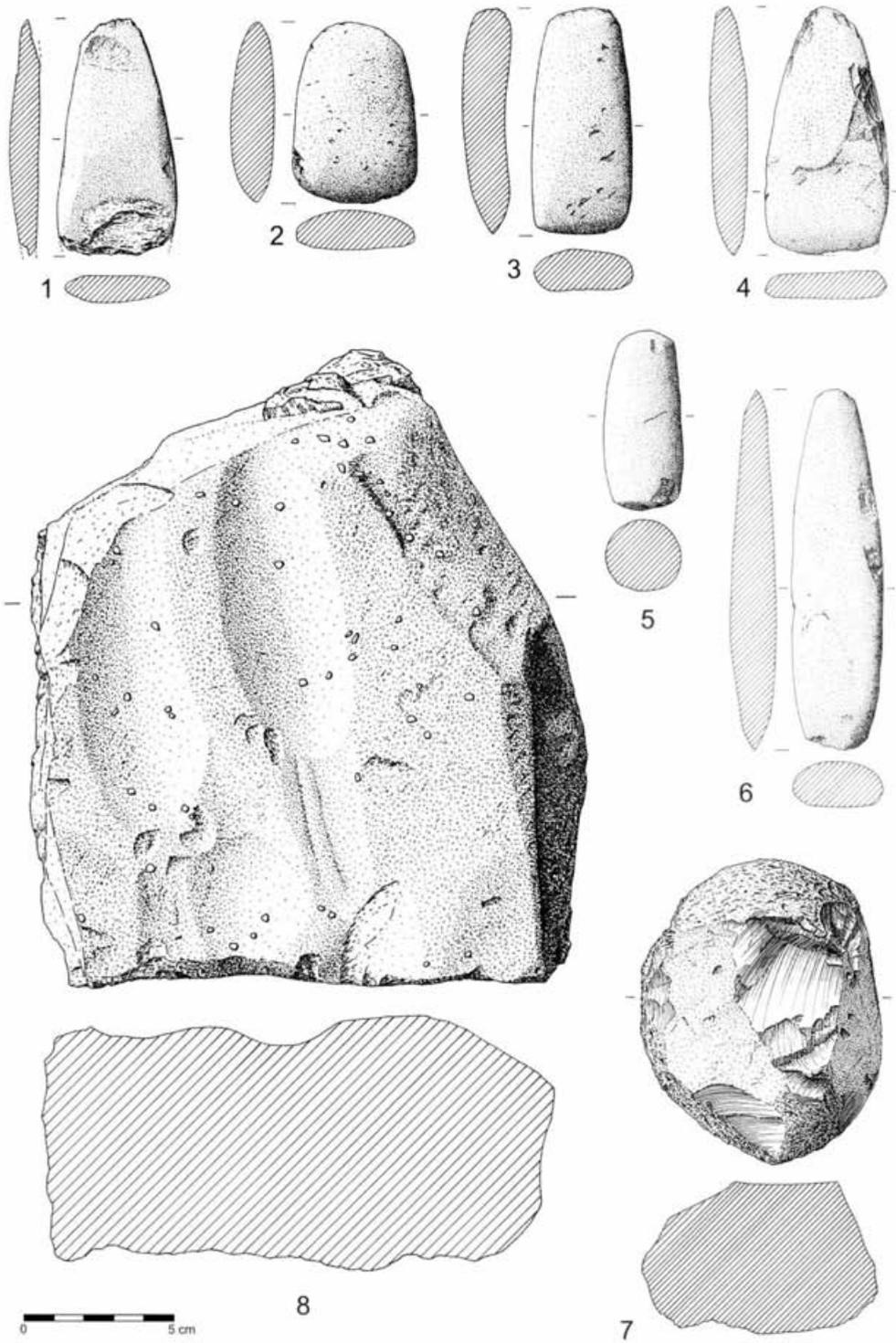


Figura 10. Povoado do Carrascal (Oeiras). Indústrias de pedra polida (n.º 1 a 4 e 6) e de pedra afeiçãoada (n.º 5, 7 e 8).



Figura 11. Grutas do Poço Velho (Cascais). Vista geral (seg. Ribeiro, 1884) e fotos de dois exemplares do Neolítico Antigo (ao centro) ou atribuíveis a este período (em baixo), seg. A. do Paço, 1941.

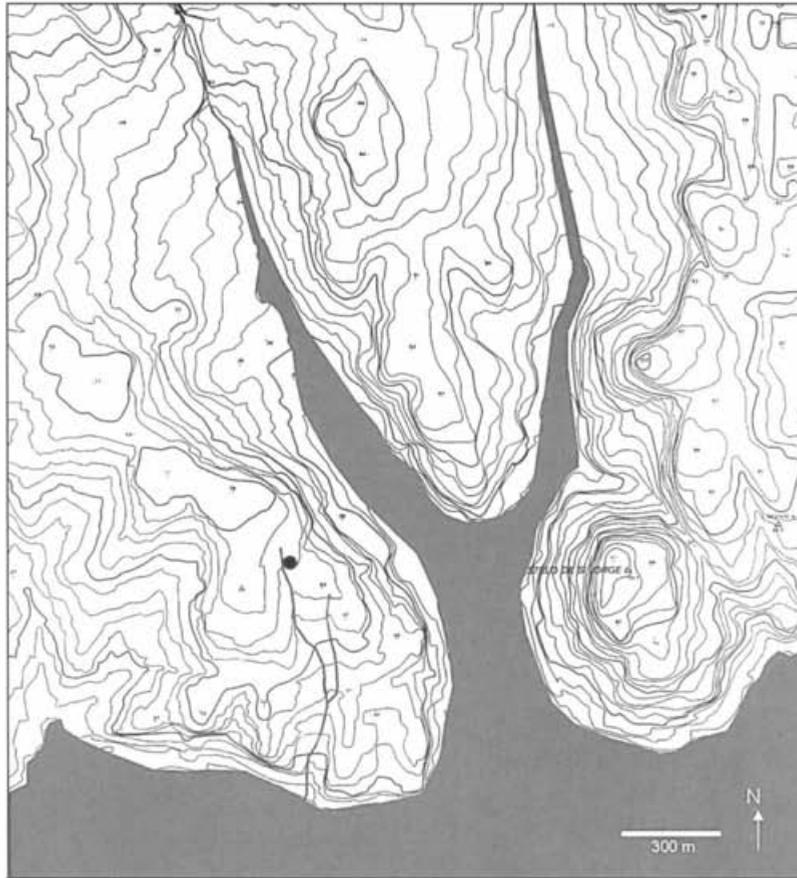


Figura 12. Palácio Lumiares (Lisboa). Localização da estação na área urbana de Lisboa (seg. Valera, 2006) e vista parcial da área escavada (foto cedida por A. Valera).

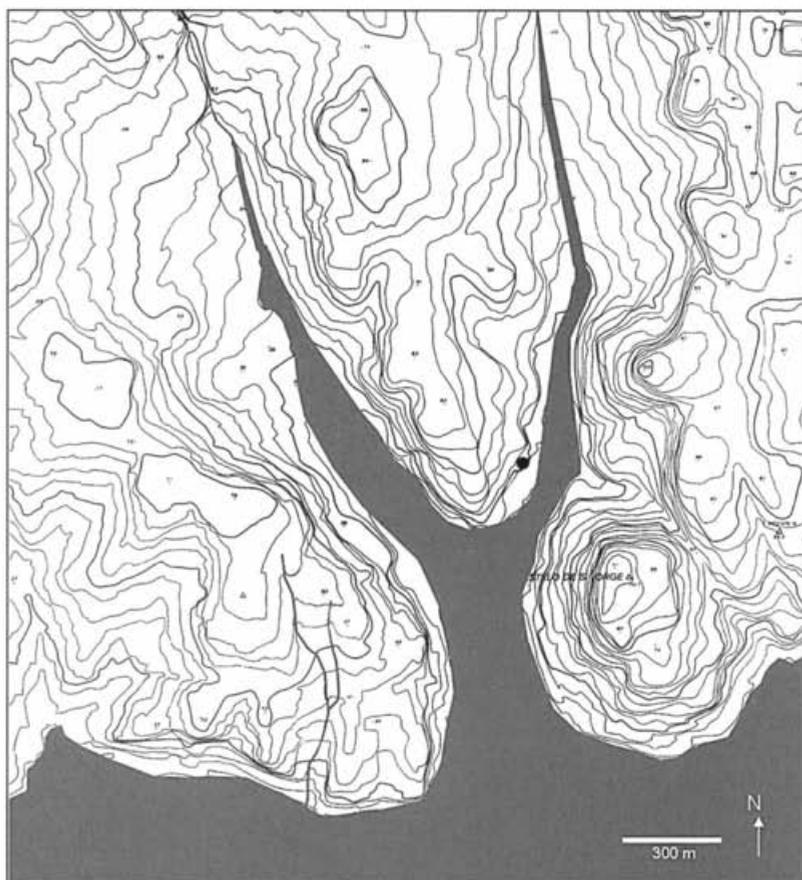


Figura 13. Encosta de Sant'Ana (Lisboa). Localização da estação na área urbana de Lisboa (seg. Valera, 2006) e vista parcial da área escavada (foto cedida por J. Muralha e C. Costa).

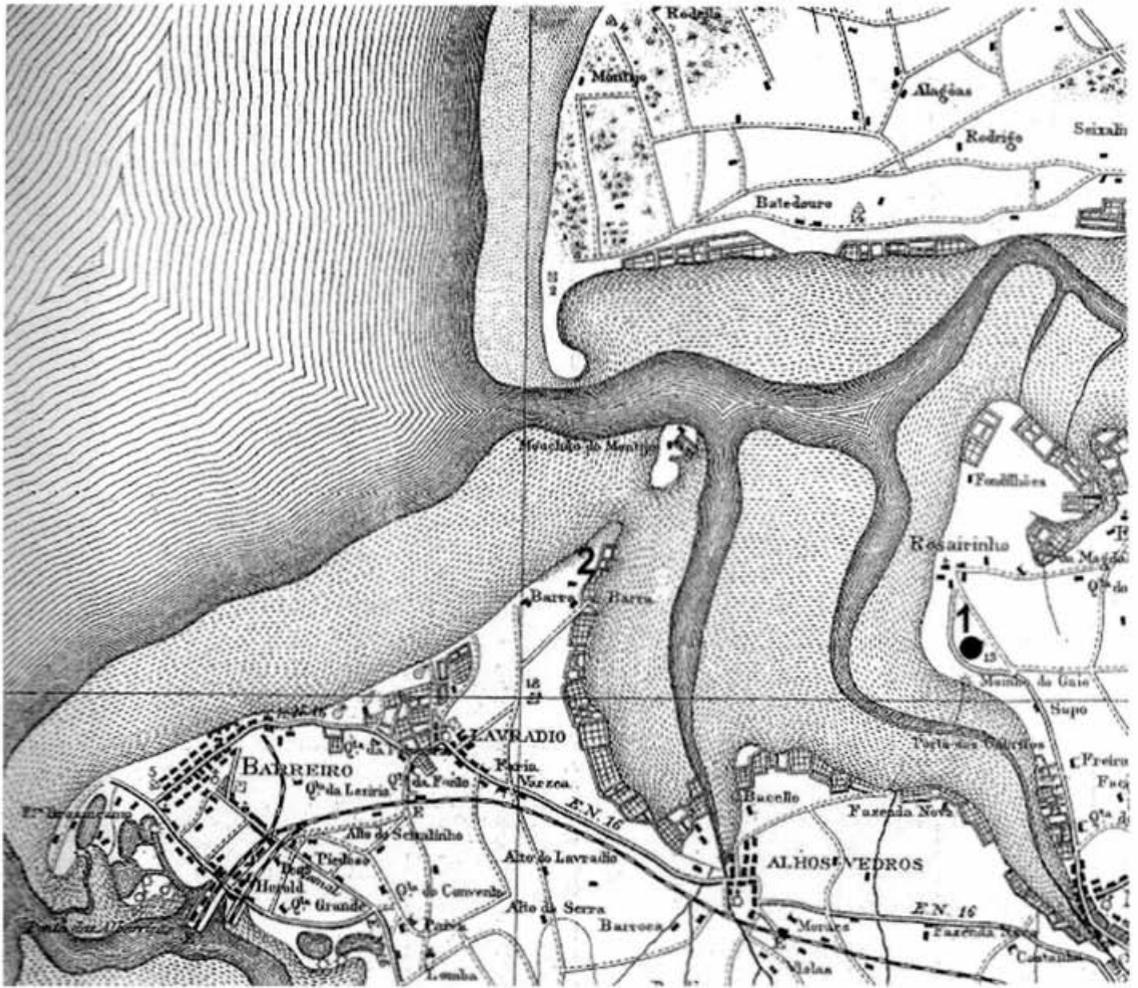


Figura 14. Gaio (Moita). Localização da estação em base cartográfica de 1902, à escala original de 1/50 000 (seg. Soares *et al.*, 2004).

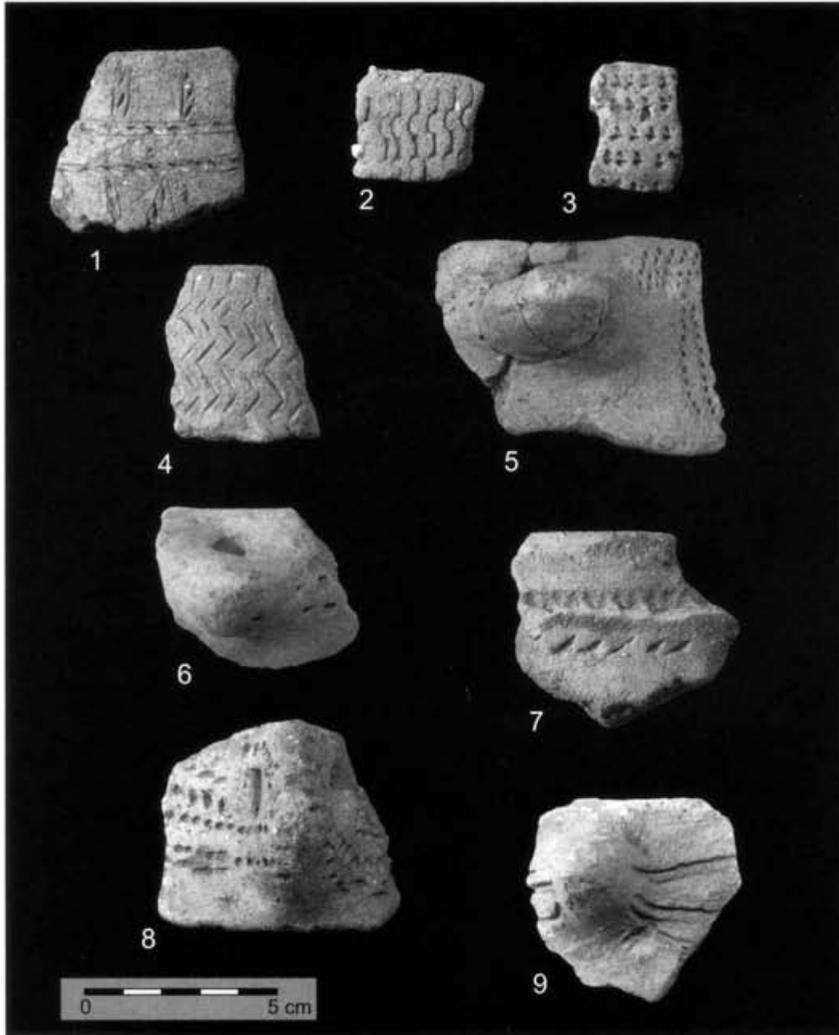
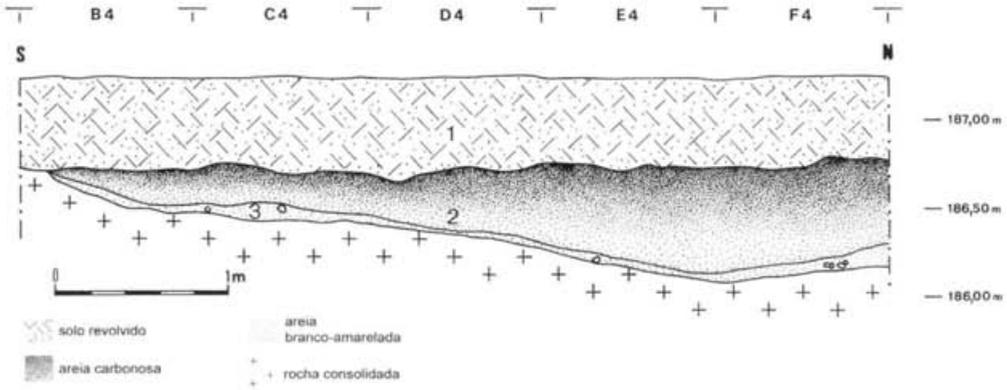


Figura 15. Casal da Cerca (Palmela). Corte estratigráfico e cerâmicas do Neolítico Antigo evolucionado (seg. Soares & Silva, em publicação, modificado).

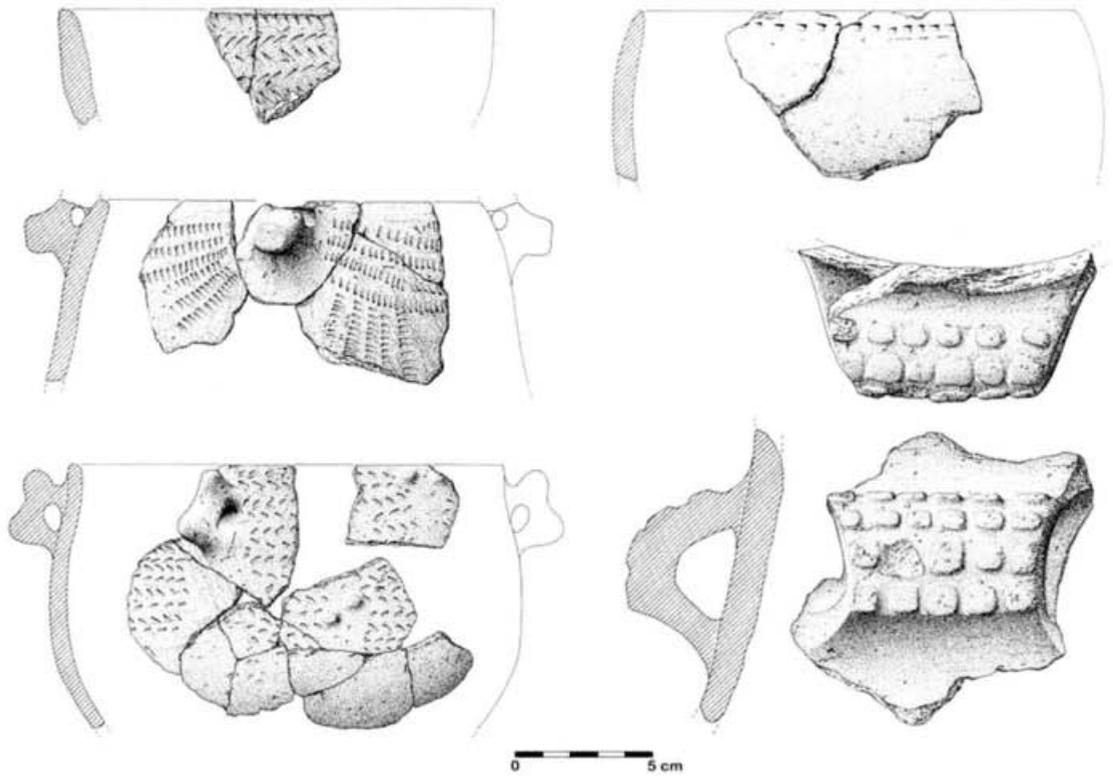


Figura 16. Lapa do Fumo (Sesimbra). Corte estratigráfico (seg. Serrão, 1975) e cerâmicas decoradas do Neolítico Antigo evolucionado. Desenhos de F. Martins. Legenda do corte (seg. Serrão, 1975, modificado): C. 1 - camada com alguns materiais da C. 2 e campaniformes; C. 2 - tumulações do Neolítico Final, separadas da C. 3 por lajeado onde assentaram os despojos funerários; C. 3 - camada com materiais cerâmicos do Neolítico Antigo evolucionado.